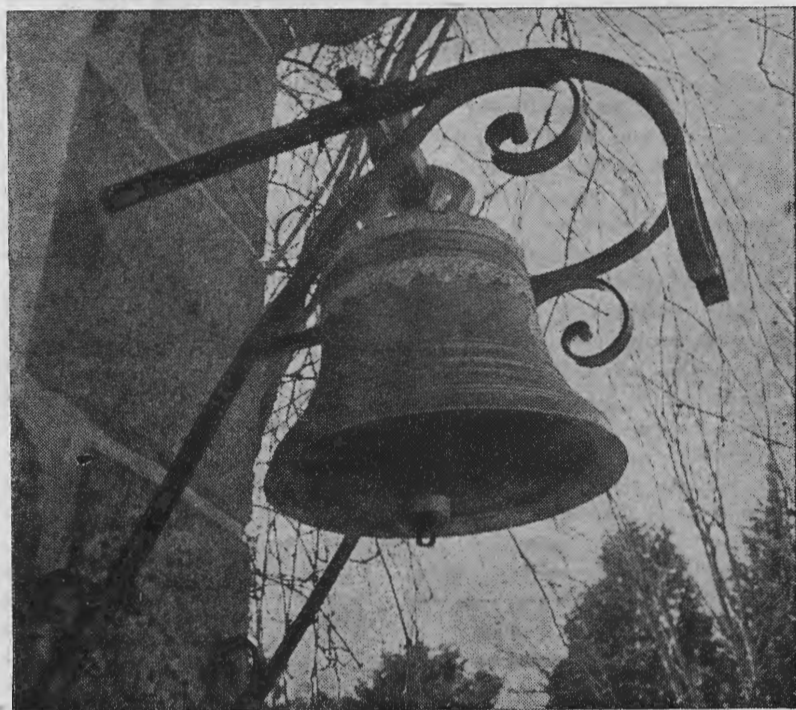


Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Director: Padre Luiz



Na parede de granito da casa-mãe, suspensa em ferro forjado, está a sineta da nossa Aldeia de Paço de Sousa. O relógio da Comunidade.

Calvário

O Algarve é terra de promessa para muita gente nesta época de veraneio. Suas praias o atractivo supremo, ou exclusivo, que faz rasgar os céus em jactos velozes, ou percorrer estradas em viaturas de todas as marcas e feitios.

Por duas vezes ali me dirigi, ambas pela mesma razão. Outras praias, outros atractivos — o mal de Irmãos doentes.

Há anos fui por via de um par de Irmãos doentes, oligo-

frénicos profundos e epiléticos, já sem o bafo dos pais e a paciência dos vizinhos.

Desta vez são muitos os que ali me levam.

A Líria, que há cinco anos aguarda resposta, é totalmente anormal. Os pais, paralisados e de cama, não podem naturalmente dar-lhe e amparo preciso. O local onde vive, ermo na serra de Monchique, situa-se longe dos centros de vida e dos benefícios sociais que se vão alargando.

A Maria, com forte atraso mental, vive só com o pai, já idoso, num monte, onde os carros não chegam, nem a mão da Assistência está pronta a estender-se eficazmente, talvez porque também ela careça de outra mão.

A Dina, robusta e simpática, de treze anos, mas sem fala e discernimento, com mãe va-

gabunda e de igual índice mental, anda aos cuidados muito fracos da avó idosa e senil. A rua é o mundo onde se senta perigosamente, aguardando que a avó retorne do peditério diário.

Os indefesos ficam cada vez mais longe dos homens sãos, à medida que estes beneficiam do progresso e aqueles não. E cada vez mais esquecidos, porque a vida moderna tem o condão de tornar os homens mais virados para si, que o mesmo é dizer, mais egoístas e por consequência alheios aos problemas e à vida dos outros.

Um a um vamos recolhendo incapazes. Aqui em nossa Casa o silêncio deles é voz forte que brada bem alto na consciência dos que se atrevem a vir contemplá-los.

Padre Baptista

MULHERES FORTES

«Quem achará uma mulher forte? O seu valor é maior que tudo o que vem de longe e dos últimos confins da Terra». (Prov.XXXI, 10).

Abnegadas, esquecidas de si próprias e, não raro, pelos outros, as Senhoras ao serviço da Obra da Rua merecem aqui uma palavra de registo, já que a troca de galhardetes não está nas nossas intenções nem nos nossos propósitos. Colaboradoras discretas e humildes, bem se podem comparar às Mulheres que o Evangelista dos Pobres e dos Pequenininos do Reino, São Lucas, nos refere como activas participantes do Mestre e dos Apóstolos no trabalho da Salvação.

Nas Casas do Gaiato ou no Calvário, as Senhoras são elementos imprescindíveis, que não comem o pão ociosas, que abrem as suas mãos aos necessitados e estendem os seus braços para os Pobres, que têm como atavios a fortaleza e o decoro (cf. Prov.). «E isto tudo de graça», sem cada uma delas «ser rogada nem louvada!» (Pai Américo). Tomando conta dos mais pequenininos, assistindo aos doentes, fechando os olhos aos moribundos, velando pelas limpezas e pelos refeitórios, orientando as rouparias e as cozinhas, são verdadeiras Mães dos sem-família que vivem

à sombra da Obra da Rua. Sem Elas, psíquica e materialmente falando, a vida nas nossas Casas seria impossível.

Neste mundo atribulado em que vivemos, onde as palavras e as teorias se multiplicam, enquanto as obras vão escasseando, sabe bem encontrar ainda Mulheres fortes à maneira do Evangelho, dispostas a perder a vida para A encontrar, dando-se até ao esvaír das últimas forças. São assim as nossas Senhoras, servas dos Pobres, à maneira das Criaditas e das Irmãzinhas da Assunção, entre outras Congregações que se dedicam ao serviço dos mais desprotegidos.

Aqui fica o registo acima enuneiado, para que saibais perscrutar, por detrás daquilo que não vedes, o trabalho de muitos Heróis desconhecidos, neste caso Heroínas sem nome, que, apagadamente aos olhos do mundo, se vão consumindo lentamente por amor de Deus e dos Irmãos. E Tu, Irmão, apagado num viver sem sentido ou narcotizado pelo tédio ou pela náusea da inutilidade, ouve a senten-

Cont. na QUARTA pág.

Aqui, Lisboa!

● Eu não sei que escrever. Muito assunto há e sério; mas ordenar ideias e transmiti-las ao papel?!

Como não tenho muito jeito para escrever, mas devo comunicar convosco, que estais sempre à espera de notícias da nossa vida — que tomais também como vossa — aproveito a tarde de domingo para alinhar o «Aqui, Lisboa!». Acontece que não é fácil, por mor das interrupções constantes. Não são as visitas dos nossos Amigos que impedem o diálogo, mas os «Batatinhas». Eles gostam muito de estar no escritório, talvez porque é mais um brico-braque do que «o gabinete do sr. Director». Mexem em tudo que nos deixais, desde as revistas aos brinquedos!

Agora mesmo é o Pardalinho. Enquanto vê umas revistas asso-bia uma canção, de que muito gosta, e está sempre a interromper para lhe explicar «o que é aquilo»; ou «ôa, ôa, um tator?»; «ola qui o cão a banho»; ou «cheilaqui, cheila bem!», etc., etc.

Pardalinho (alcunha em diminutivo diz tudo quanto ao seu físico e psíquico) tem muita dificuldade na dicção, mas lá se vai fazendo entender. Às tantas despe o bibe, aponta os suspensórios e diz: «deapeta que tou à raca». Tenho de parar novamente para o «desenrascar», quando não terei de me desenrascar a dar-lhe uma banhoca e mudar a roupa.

Foi para o quarto de banho e entra Cañ (Carlinhos). É um terramoto! Topa a tudo e tudo põe de pernas para o ar! Ávido de acção e saber, metralha-me com perguntas e não larga sem estar satisfeito. Cali põe tudo numa barafunda. E eu que sou todo arrumadinho! É certo que não saem sem deixar tudo em ordem. É prin-

Cont. na TERCEIRA pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

BANHOS — Estamos, ainda, no mês de Setembro e já acabaram os banhos na piscina. Mas, enfim, temos de cumprir as ordens com disciplina. Era bom, mas acabou-se!...

Interessante era vermos os mais pequenitos, todos contentes, a tomar a sua banhooca na parte mais alta. Uma alegria!

Alguns não sabem nadar, e atiravam-se à água de qualquer maneira, mas sem se alçijarem.

Aos banhos a que o sr. Pe. Carlos assistia, era um regalo para os mais pequenitos que só o chamavam a fim de os ver atirarem-se para a água esverdeada da nossa piscina.

— Sr. Pe. Carlos, eu sei atirar-me. Quer ver?

E pum, p'ra dentro da piscina.

Para o ano haverá mais oportunidades, se Deus quiser.

OBRAS — As obras na casa 4 continuam.

Agora que o tempo começa a enganar, é urgente que elas terminem.

O salão em que os rapazes estão a dormir é muito frio e húmido; logo no Inverno...

Enquanto uma casa anda em obras, as outras aguardam com chuva a cair pelos buracos!

PORCOS — Já faz quase seis meses que não temos porcos! Foi a peste.

Começou por um, depois outro. A seguir morreram os outros, mas no talho, a fim de serem comidos.

Desinfectadas as pocilgas, aguardamos uma nova remessa.

AGRADECIMENTO — Em nome de todas as senhoras da rouparia, quero agradecer aos leitores que nos mandaram as linhas pedidas. E a outros que vierem atrás, com o seu exemplo.

Não foram muitas, mas sempre ajuda.

Obrigados!

ANTIGOS GAIATOS — Durante esta época de férias temos recebido visitas de antigos Gaiatos.

Entre eles: o Zé Adolfo, Gouveia («Barrigana»), Manuel Pedreiro, Quim Pequeno e muitos outros. Venham sempre!

CHUVA — Já há bastante tempo que não chovia por estes lados! Agora, tem pegado no duro.

Bem, sempre veio beneficiar o milho, o vinho, etc.

Já não era sem tempo; e até parece que os bagos das uvas engordaram. Boa vindima!

O «CARRO DAS CHOURIÇAS» — O eu dizer «carro das chourças», não quer dizer que seja só de chourças, mas é também de carnes de várias espécies.

São uns senhores do Mercado do Bom Sucesso que nos dão carne, uma ou duas vezes por mês!

Já no tempo do Pai Américo faziam assim.

Claro, quando o carro chega, é um consolo ver os mais pequenitos cor-

rerem até junto dele em busca da chouriça.

Depois, até se criam desentendimentos uns com os outros. Uns comem mais, outros menos. Desordens.

Cria-se, no entanto, em volta do carro um clima de boa disposição. E, até, digamos assim, de boca cheia.

Depois há sempre rapazes que ajudam os senhores da carne a descarregar as vasilhas. A esses, cabe maior quantidade de chouriças... E bem o merecem.

Isto é assim quando o carro ohega nas horas do nosso recreio, porque nas horas de trabalho..., tem de ser um de cada grupo a vir buscar para, depois, distribuir pelos colegas.

Evidentemente há os que fogem do serviço para irem às chouriças. E, às vezes, dá mau resultado: o trabalho que deveria ser feito não se faz!...

Um obrigado aos senhores do Mercado do Bom Sucesso, do Porto.



O Bartolomeu e a Teresa, no dia do casamento.

CASAMENTOS — Ultimamente tem havido casamentos; alguns de outras Casas, outros cá de Paço de Sousa, como, por exemplo, o Francisca e o Bartolomeu, entre outros. Para os novos casais, votos de muitas felicidades.

«Marcelino»

TOJAL

É hábito cada época ter seu uso. Isto é, aparecem determinadas modas a condizerem com o momento, com os acontecimentos ocorridos ou a ocorrer.

E as Casas do Gaiato nisto, como em muitas outras coisas, não fogem à regra. Assim, já foram moda aqui o hóquei (em campo), o futebol (torneios inter-mesas), o pião, a carica e ultimamente o berlinde. Há outras que são de sempre, como, por exem-

pio, o trava, o rapa (esse ou aquele bolso...) e o obedece a.

Mas eis que começa a aparecer uma nova tendência!

Com um «elevado» grau de observação e uma capacidade superior para ultrapassar os controversos «casos» dos últimos Jogos Olímpicos os nossos rapazes começaram a ensaiar os primeiros passos no decatlo e não só...

Mas já é tempo de justificar toda esta charada.

Tenho, desde há algum tempo, vindo a ouvir falar na massificação do Desporto, na incoerência da prática desportiva, tendo como últimos exemplos a conquista de duas medalhas em Montreal.

Entre os componentes desta Casa não se conta nenhum de Vildemoinhos... Porém, as naturalidades são diversas e não me parece que seja este factor a principal causa de aquisição de resistência para os dez mil metros.

No fundo o que eu quero é convidar-vos a acarinhar esta nova tendência dos nossos rapazes. Para já, haja quem nos ofereça um mini-trampolim ou a sua ajuda para aquisição deste. É um aparelho que virá ajudar a ensaiar os primeiros saltos. Falta-nos a experiência para os «mortais» e a presença de um professor para instrutor. Já nos foi prometido há algum tempo. Mas ainda não perdemos a esperança.

Entretanto não esqueçam o pedido que vos faço, aproveitando esta nova «moda». Até porque já começa a ser tempo de repartirem connosco; portugueses, o ouro (das medalhas) com ou sem armas, com ou sem tiros...

Jorge Cruz

MIRANDA DO CORVO

CASAMENTOS — «E vós todos aqui presentes sois testemunhas desta sagrada união. O que Deus abençoa não deve o homem desunir.»

Fui testemunha em duas destas uniões sagradas. Dois casamentos em dias consecutivos, de casais muito unidos à nossa vida.

No sábado, no santuário da Senhora

da Piedade, o da Lurditas do sr. Fausto. Família muito unida a nós desde o início da Obra. Estivemos; e com a nossa presença, as nossas violas e os nossos cânticos procurámos participar na grande alegria daquele dia.

No Domingo, na Igreja de S. Tiago, em Coimbra, o do Zé. Enquanto cá em Casa foi o «Zé Gordo»; é nosso ainda e continua a ser o mesmo.

O Zé uniu a sua vida à Nanda. Dois casamentos! Duas uniões sagradas a que preside Deus e que o homem não deve desunir!

Medito e sinto algo amargo dentro de mim por ver que o dever não é uma barreira intransponível. Olho cá para dentro e vejo as Casas do Gaiato cheias de frutos de uniões sagradas que Deus abençoou e que o homem, porque não deve mas pode, separou. Outros, sim, frutos de uniões sagradas que Deus abençoou e ele próprio separou.

Quando medito, costuma haver muitas reticências em meus pensamentos; mas hoje fica melhor e é mais fácil pôr pontos finais.

No sábado, o Santuário cheinho. Rostos sorridentes. Alegria bem visível. E esta alegria, esta união e este amor ficaram bem expressos na altura da Paz. Abraços, beijos e lágrimas... Amor! Deus quer que seja para toda a vida.

No domingo, a mesma alegria, a mesma união e muito amor! Os cânticos, pelas bocas do coral de Santa Cruz, eram algo celestial que nos deixavam a paírar e nos levavam à meditação. Foram duas horas. Ninguéu cansou. Todos viveram aquelas duas horas de união de duas vidas que, pelo seu amor, não haverá mão humana capaz de separar.

E todos participámos na boda. No sábado, ao jantar, o senhor Fausto apareceu com grande parte, e muito abundante, da boda servida nas casas que foram a colónia de férias dos garotos da alta coimbrã. Na segunda, foi da do Zé. Este primou em mandar fazer um bolo de noiva especial para a nossa malta. E não é que a Nanda festejava o seu aniversário nesse dia?! A malta exultou, cantou, riu e sei lá que mais...

Aqui vos deixo estas notícias, que para nós são motivo de bastante alegria, que queremos compartilhar

connosco. E todos, vós e nós, desejamos e esperamos um futuro bem feliz para estes novos casais da nossa Família.

Lita

Praia de Mira

Alegria e boa disposição foi o que os rapazes mostraram durante a sua estadia por turnos, na nossa casa da Praia de Mira.

Já lá vão dois meses e começamos a sentir o final que se aproxima a passos largos, das férias. É uma coisa que sentimos e não nos dá gosto nenhum!

Mas, temos que compreender e de nos sujeitar, pois o milho e muitas outras obrigações exigem a nossa presença na Casa do Gaiato em Miranda do Corvo.

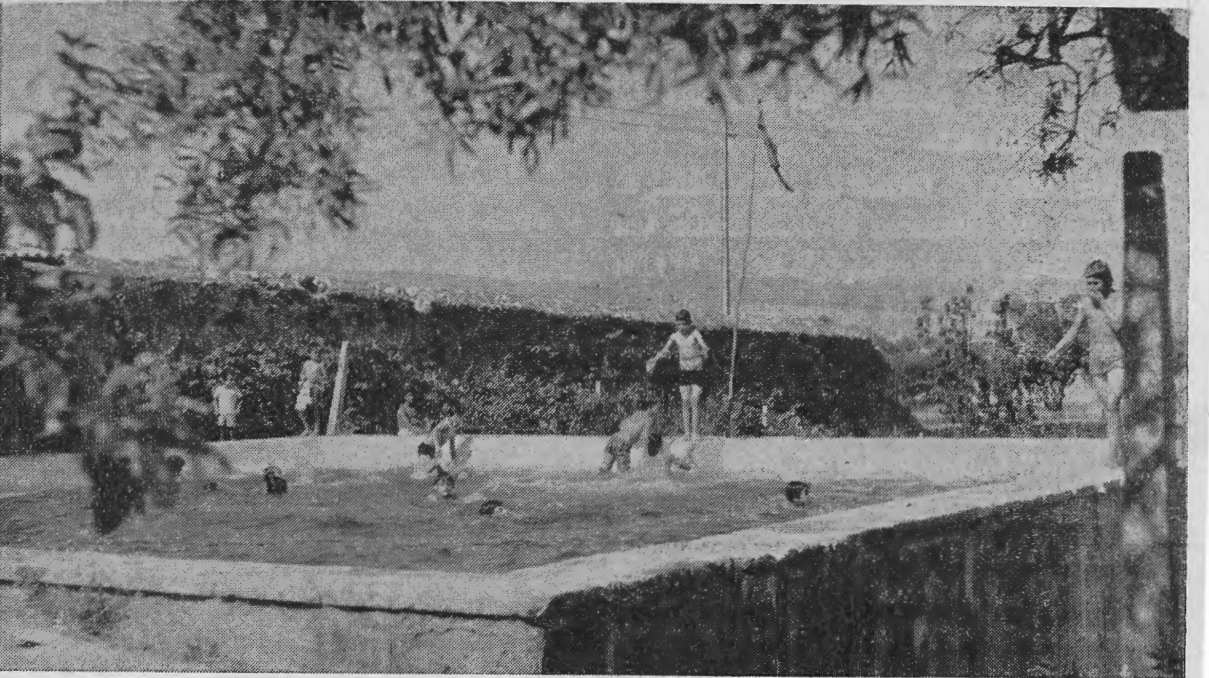
A malta do último grupo vai aproveitando da melhor maneira estes derradeiros dias. É pena o sol estar escondido durante tanto tempo!

Este ano é de frizar a simpática companhia dos nossos Irmãos da Casa do Gaiato de Beira. Das nossas alegrias e passatempos, da nossa mesa e da nossa cama, eles foram participantes. Em tudo se uniram a nós para passarem uns diazinhos de praia, divertidos.

Devido às águas salgadas estarem, quase todos os dias, mais ou menos calmas, os barcos dos pescadores dirigiam-se constantemente para a faina da pesca. Com estas idas ao mar, nós é, não só, tínhamos sorte. Os nossos rapazes, com umas saquitas de plástico, iam para a beira das redes que saíam do mar e apanhavam o peixe.

Assim, todos os dias tínhamos um bom alimento fresco, que nunca deixamos de saborear.

Este ano deixamos a Casa no dia 15 de Agosto; mas, isto faz-se porque é preciso cedê-la a outros. Crianças que, como nós, têm necessidade dum tempinho à beira-mar. Também são pobres. A estas crianças



Tanque «olímpico» da Casa do Gaiato de Lisboa

nós deixamos a nossa casa limpa e aseada.

Eh! Tenho estado a relatar e até já me tinha esquecido que, para mim, este é o último dia de praia!

Vou ver se o aproveitamento bem! Querem vir tomar uma banhoca? O mar está mesmo bom! Lá andam os pescadores!...

Até ao ano se Deus quiser!

Benjamim

— Olha! olha! olha!...

É o Ruizinho que anda nos balancés.

— Ó Lita, também queles andale?

Ele anda ao colo do Luís que com muito balanço o leva muito alto.

— Também Rui, eu também quero.

— Ah sim!? Então espela aí qu'agente já fala.

Se não está no balouço ou no carrocel é certo que anda por aí aos chutos à bola. Não pára!

E na praia!...

Conheceis as ondas que depois de rebentar se espriam e nos arrastam os pés? Pois são essas mesmo que que ele não escolhe, aproveita.

E se às vezes o não agarramos...

— Diabo de garoto que não tem medo da água!

Se se não sabe do Rui o melhor é procurá-lo à beira da água.

Mas agora, na sua liberdade ainda bem ampla, já é responsável.

— Olha Rui, queres ir ao banho?

— Não, que ainda comemos há pouco tempo.

E o Naninho?!

Isso é que corre! Anda sempre de um lado para o outro. Treme para aqui, abana para acolá, mas sem cair, meio escondido dentro das botas, corre por todo o lado, chapinha no lago e rebola pela areia.

E os outros?!

Correm, saltam, esperneiam, riem, brincam, e o diabo a sete. Pintam a macacoa. Bem... mas nem todos... Conheceis os jacarés, que à beira da água se estiram, de olhos fechados ao sol? Pois há muitos que se não são dessa família dos crocodilos disfarçam muito bem.

À hora do banho são poucos os que faltam. Se o mar o permite enfiam-se por ele dentro e é como se fosse tudo nosso. Se não permite desafiam-no e vão, atirando-se arrojadamente às grandes ondas. E ele espuma de raiva. Marotos!

Lita

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Quem se lança nesta vida não pode parar! Ainda que o destino subisse à flor da pele, as realidades que se topam dia-a-dia são o melhor incentivo para caminhar.

Ontem, visitámos um casal jovem, com oito filhos. Problemas difíceis! Ele é rendeiro. Tem uma doença que, se fugir ao tratamento, sacrifica tudo e todos. As faces do agregado são espelho fiel da subalimentação que padeceram.

Há muito tempo já que o merceiro lhes entrega, de conta dos nossos Leitores, géneros no valor de 1.000\$00 mensais.

A mulher é uma sacrificada. Um bombo de festa! Quanto mais analisamos a vida do casal melhor compreendemos uma série de carências que poderiam ser minimizadas se a

preparação para o Matrimónio, a nível de Igreja, beneficiasse a maioria.

No entanto, procurámos ajudar a resolver algumas dificuldades. E apreciámos muito a destreza da filha mais velha. Um amor de criança!

● As Viúvas são também uma grande parte da nossa acção! Damos-lhes a mão quase todos os dias. Sobretudo por causa daquela via crucis, burocrática, da pensão de sobrevivência, etc. E, ainda, por via dos vergomhosos impasses a que ficam sujeitas as pobres Mulheres.

Hoje surge um caso diferente, que nos deixa algo angustiado. E temos de denunciar. Uma Viúva de um funcionário da CP diz-nos sem rodeios: — Só arrecebo 600\$00 por mês! Queria ver se arranjava uma reforma maior.

— Só 600\$00?!

— O meu home era dos trabalhos mais baixos...

— Se a Caixa lhe dá só 600\$00 — esclarecemos — é a importância estabelecida, com certeza, para a pensão de sobrevivência.

— Mas com'ê q'a gente pode viver?! Veja s'arranja mais um pouco.

Ela não pega em cartazes nem faz comícios. Sangra. E desta gente que sangra assim — a maioria — mal se dá fé, ninguém quer saber. O que interessa é a ideologia!

Há, de facto, injustiças inconcebíveis! Como esta. E as soluções vão sendo proteladas, empoladas, por dificuldades de vária ordem.

Até quando?!

PARTILHA — De Odivelas, cem escudos, «pequena lembrança para os vossos Pobres em memória do meu estimado filho». Legenda maternal. «Lecista da Figueira» envia metade. Mais 500\$00 de uma visitante. Mais 150\$00 para aplicar no que entendermos; e acrescenta a assinante 31715: «Chegará para pouco, pois infelizmente a necessidade é muita. De vez em quando mandarei algum, a fim de contribuir para minorar um pouco a falta do essencial de tantos Irmãos nossos». O habitual vale do correio de «Uma Assinante do Seixal»: 1.000\$00. Abençoada persistência! Atenção a Lisboa: «Ocorrendo hoje a data do aniversário natalício de nossa querida irmã, que tanto sofreu sobre a terra, não podemos esquecer os que também sofrem na sua carne e no seu espírito e devido a inúmeras carências. Sufragando a sua alma enviamos esta pequena oferta (250\$00) para juntar às outras.»

Visitantes, muito amigos, de S. João da Madeira, duas vezes 100\$00. F. outro com 50\$00. Agora, são mil escudos, supomos que do Porto, e uma legenda dactilografada. Mais Lisboa:

«Leio sempre com interesse as conversas que têm com todas essas pessoas que precisam tanto de amparo, amor e ajuda; e vibro com elas. Sinto necessidade de fazer algo, mas na cidade é mais difícil o contacto, pois dou duas consultas que são frequentadas por pessoas nas mesmas circunstâncias que as que referem. Mas, ou por mim ou pelo meio, parece-me que não há tanta ligação afectiva e um contacto tão amigo. Nós pensamos sempre que noutra lugar faríamos melhor! É a nossa inépcia.»

Como meu Marido recebeu aumento por trabalhar há muito como professor, resolvi, enquanto puder, mandar mensalmente, melhor, de dois em dois meses, 200\$00 para ajuda efectiva da vossa Conferência. Junto os

Aqui, Lisboa!

Cont. da PRIMEIRA pág.

cípio que eles respeitam, embora tenha de os ajudar.

Com a entrada do Óscar fico um pouco mais aliviado de perguntas, mas não de barulho. Entra outra vez o Pardalito com as calças na mão; e, já «desenrascado», chega à minha beira sem dizer nada. Encosta-se a mim e já sei que tenho de o vestir. Claro, o barulho e a barafunda aumentaram! Vale-me não aparecer, até agora, o Luizinho, Jaimão e Toi. Se aparecerem, será um autêntico cataclismo! E tudo isto sem contar com outras interrupções.

É neste meio que vivo e tenho de fazer o «Aqui, Lisboa!». E lá se vão as ideias, a prosa, o estilo (se porventura o há)...

Podia pôr cobro a tudo isto com um simples gesto. Mas não quero. Eles não conhecem mãe. Pai, têm-me a mim. Se não os acarinho um pouco, quem os acarinhará? Se não os deixo ser eles mesmos, que serão amanhã? Se os ponho de lado hoje, que não compreendem o mundo complexo dos adultos, como nos poderão compreender amanhã? Se não encontram hoje em mim a vontade e confiança, em quem poderão amanhã confiar os seus problemas e aceitar as respostas

200\$00 de Julho e Agosto que agora recebi.»

Estimada Leitora: está no bom caminho. A autocrítica e a vontade de acertar darão bons frutos, se Deus quiser.

Alto lá! Temos, agora, 20\$00 como o sangue tirado das veias. São de uma crucificada, que nos afirma: «Milhares de Inválidos que tinham uma migalha da Assistência foram atirados para o caixote do lixo... Entre eles estou eu também, desde Março...»

Que diriam ou fariam os autores da decisão se estivessem nas mesmas circunstâncias?! A gente, às vezes, fica perplexo com as incoerências do processo...! Quando é que os homens se viram para o Homem — e não para os manuais?!

Ois da Ribeira, 50\$00. As. 844, 200\$00. A n.º 27506, 40\$00. Cristiana, remanescente de contas com a Editorial. E a presença de «Uma portuense qualquer», que se vai tornando habitual:

«No fim de mais um ano de trabalho, aproveitei uns dias de férias para sair de casa e espárecer um pouco.

Numa pequena digressão, gastei mais do que até era necessário mas ia pensando nos muitos Irmãos que não têm sequer o indispensável para viver com dignidade o seu dia-a-dia. Assim, como «muita» do bocado que gastei a mais, junto 500\$00 para auxílio das despesas que a vossa Conferência tem para ajudar a levantar, de misérias imerecidas, tantos Irmãos caídos pela doença, velhice, etc.»

Em nome dos Pobres, muito obrigados.

Júlio Mendes



aos mesmos? Se lhes recuso compreensão e amor, como poderão amanhã compreender e amar os outros? Por estas e muitas outras razões prefiro dar-lhes o mais que puder, tirando riqueza ao diálogo convosco que poderia tentar na calma e reflexão.

Vez por outra — infelizmente muito poucas — aparecem por cá duas moças (mesmo à semana) que passam a tarde com os pequenitos. Não sei quem são nem me preocupo. Tão pouco lhes falo. Só observo o que elas fazem; e como, naquelas horas, fazem felizes os «Batatinhas». No fim da tarde lá se vão com muitos beijos e acenos de adeus. É eu fico à espera que voltem muitas vezes mais. Todos precisam de carinho. Mas os pequenitos têm uma fome dele que me despedaça o coração!

Não haverá outras moças, nesta Lisboa, que disponham dum tardes para passar com os nossos «Batatinhas», matando-lhes um pouco esta fome?! Eu só não sou capaz.

● Tenho muita pena, repito, da minha falta de jeito para escrever os dramas e problemas humanos que, quase diariamente, me são relatados ao procurarem de nós soluções!

Havíeis de chorar comigo a tragédia de centenas de crianças; de sofrer a limitação humana de não poder dar um pouco de esperança a quem vive desesperado; e de fazer comigo a Revolução

O Toi, Luisinho, Jaiminho, Pardalinho e Cali, também gozaram férias. Quando é que todas as crianças do nosso País terão a mesma alegria?

do Amor — aspiração deste nosso mundo angustiado!

Sim; havíamos de fazer uma grande frente de combate em generosidade e humanidade contra o egoísmo e de não papaguear revolução, que, em nossa maneira de ver, é conversão ao Amor.

Havíamos de fazer, ainda, de cada criança um ser feliz, onde o mundo seria carinho, compreensão, ajuda, liberdade e amor; e todas tivessem mãe capaz, pai desalienado e autêntico companheiro. Um lar simples, mas alegre e suficiente; assistência humana, médica e social, sem ser opressora e despersonalizante; convivência familiar e comunitária harmónica mas não monocórdica; ambiente habitacional, social, escolar e cultural que ajudasse todos a crescer livres e sem poluições quer materiais quer morais. Um mundo novo onde elas, as crianças, fossem o centro e nós gravitássemos à sua volta, recebendo da sua alegria e simplicidade a confiança de viver felizes, sem preconceitos e sem ódios; e onde pudéssemos nascer e crescer em amor e construir o novo mundo do Amor — sem ódios, carências ou diferenças.

Padre Abraão

«Pão dos Pobres»

Os Assinantes da nossa Editorial já receberam o «PÃO DOS POBRES».

Foi uma empreitada confiada ao «Piloto», «Marcelino», «Rouxinol», «Batalha» e outros, em volta da mesa de expedição.

A fim de motivarmos directamente os Leitores de O GAIATO, incluímos um postal RSF na última edição. Não tardará a regressar uma parte deles com requisições

de todas as obras que possuímos; e do «PÃO DOS POBRES», como não podia deixar de ser.

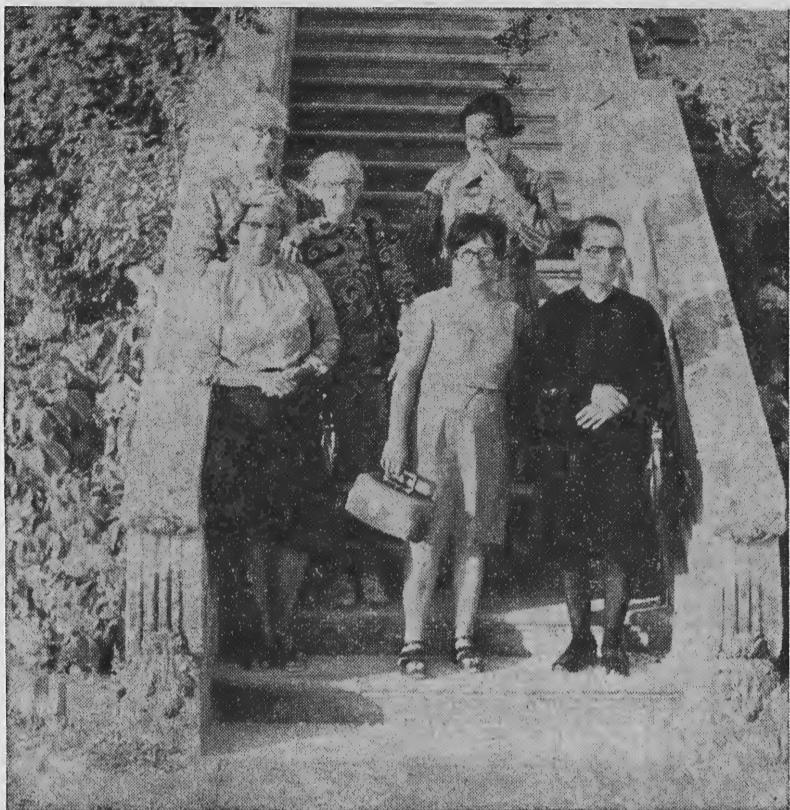
Apesar das férias, procurámos organizar a vida no sentido de atendermos rapidamente os pedidos que forem surgindo, pois muita gente deseja receber o «PÃO DOS POBRES» para ser lido ainda durante o resto da época de veraneio.

Cont. na QUARTA pág.

Mulheres fortes

Cont. da PRIMEIRA pág.

ça da Sabedoria divina: «A graça é enganadora, e a formosura é vã; a mulher que teme ao Senhor, essa é a que será louvada. Dai-lhe do fruto das suas mãos; e louvem-na as suas obras às portas da cidade» (Provérbio XXXI, 30-31).



Abnegadas, esquecidas de si próprias, e não raro, pelos outros, as Senhoras ao serviço da Obra da Rua merecem aqui uma palavra de registo.

Afinal ainda há Pobres!

Há muitos anos que não nos acontecia: uma credencial de mendicidade!

O casal apareceu aí. Um pouco além da meia-idade. Nele, sinais visíveis de doença. O documento, com selo branco e tudo, reza assim: «Para fins de apresentação na Casa do Galato, F., Presidente da Comissão Administrativa da Junta de Freguesia de..., atesta que A, de 57 anos de idade, é pobre e vive unicamente da reforma de 2.400\$00/mês para si e sua esposa B, de 56 anos de idade, doméstica.»

Traziam também uma conta de farmácia no valor de 360\$50 (fora os 75% que a Previdência paga) mais a da loja, exactamente dez vezes superior.

Que na terra alguém dissera que na Casa do Galato lhes dariam uma «esmolinha» — e eles, munidos da guia de apresentação, meteram-se ao caminho.

Um mundo de pensamentos nos acudiu. Como estamos ainda longe daquela fórmula simples de Pai Américo, e com certeza certa: Cada freguesia cuide dos seus Pobres!

É fácil passar uma apresentação... e «lavar as mãos entre os inocentes» — mas nada resolve.

Supunhamos que embarcávamos na «esmolinha». Eles regressavam muito obrigados, tapariam qualquer buraco... mas, mercê da doença e da exiguidade da reforma, continuariam a abrir outros, na farmácia ou na loja.

Não é, nem nunca foi nossa política. — Regressem sim, e digam lá na terra às autoridades e aos moradores, que agora também são Autoridade, que estudem uma solução para o vosso problema e contem com a nossa ajuda, não em «esmolinha» eventual, mas em concertação, certamente temporária, que conduza ao remédio eficaz das vossas dificuldades.

Eles foram, mas ainda não nos chegou qualquer proposta para a colaboração oferecida. Assim, com tão pouca consciência do social, como iremos devagar a caminho do socialismo!

Antes de mais está a injustiça de uma reforma que não dá para viver a quem, por falta de saúde, não pode angariar por si outros rendimentos e nada mais tem: «vive unicamente da reforma de 2.400\$00 para si e sua esposa».

Este homem foi trabalhador da terra enquanto pôde. Mas por causa de outros «trabalha-

LOURENÇO MARQUES

Várias vezes fui junto dos elementos da Comissão Liquidatória falar da indisciplina generalizada dos rapazes, por inépcia do comissário. A passividade absoluta em que ficavam, foi gerando em mim mais que um descontentamento, a ideia de que não lhes interessava mesmo nada a minha presença.

Numa das reuniões que o próprio inspector do Ensino veio fazer, para além da respectiva politização, também perguntou aos rapazes se precisavam de mim para se organizarem: «O padre faz alguma falta? Precisaís dele para vos organizardes?» Eles disseram que não, pois, na Casa do Galato, nem era o padre que fazia girar a vida da Casa, mas o chefe. A pergunta foi só para os levar a rejeitar-me. Não é de estranhar tal manobra; mas não deixo de referir como toda a estruturação de uma casa era confusa para eles. O dito inspector concluiu: «Se não precisaís do padre, porque não vos organizais?» Quando um grupo de rapazes me contava isto, perguntei, com certa ansiedade natural: «Mas então que ficou decidido? No fim de contas que veio ele (o inspector) cá fazer?» Um, dos seus, doze anos, disse muito espontâneo: «Não veio fazer na-

da, só veio chatear a gente.»

Entretanto «o camarada» que estava à frente do Seminário também ia fazendo o mesmo jogo. A única coisa que ele quis arrumar imediatamente, de quase uma centena de carradas ali despejadas do camião, foi a farmácia. Nós tínhamos uma farmácia muito grande, bem fornecida de remédios que muitos médicos deram ao nosso Dr. Rui Coelho, antes de virem embora.

Os doentes que vinham à consulta, e chegaram a cem, numa só tarde de terça-feira, com quatro médicas a atendê-los, todos recebiam remédios gratuitamente. Tudo estava devidamente catalogado e assim foi embalado e transportado para a Namaacha. Pois o comissário chamou um grupo de miúdos dos mais pequenos e foi despejá-los na farmácia do Seminário. Os padres do Seminário tinham ali deixado uma imagem do Coração de Jesus em terracota. A primeira coisa que fez foi pegar nela e à frente dos rapazes, mesmo lá dentro, escaqueirá-la no chão dizendo: «Isto agora não é preciso, não está aqui a fazer nada.»

No primeiro domingo não permitiu que os rapazes fossem à Missa. Pediram, durante a

semana, uma reunião com ele e discutiram o assunto.

Escarneceu a fé deles. Ele há muito tinha deixado de rezar porque tinha estudado muito. «Deus não existe. Já O viste, alguma vez? Sabeis que cor tem?» Um dos nossos, por sinal estudante, pediu licença para falar e perguntou-lhe se acreditava que Hitler tivesse existido, mais naquilo que dizem que ele fez. Respondeu que sim. «Mas, o camarada viu-o?» «Não, mas sei que existiu», respondeu.

Então, também nós acreditamos em Deus e nas Suas obras, sem O termos visto. Ele não teve réplica para a argumentação, mas não os deixou ir à Missa. Como não havia disciplina, iam mesmo os mais afoitos.

Ao fim de um mês, com os rapazes totalmente desmoralizados, sempre resolveram substituir o comissário. Quanto a serviço para eu desempenhar, nada. E tudo continuou na mesma. Resolvi, portanto, apresentar-me na Comissão Liquidatória e dizer que uma vez que nem organizavam, nem me confiavam tarefas na vida da Casa, me ia embora. Só me responderam: «Mas camarada padre tem pressa? Nós não temos! Conduzimos a luta durante dez anos, e se tivéssemos de lutar outros dez, era a mesma coisa». A minha vida também é uma luta, respondi. Aquilo que posso fazer hoje, fico a sofrer se não o faço. Há muitas crianças a quem posso ajudar. Aqui já não faço nada.

Tive que pedir-lhes dinheiro para a viagem, pois, quanto os nossos amigos deram, durante os cinco meses da nacionalização, foi escrupulosamente registado. Eles nunca nos deram nada. Antes nos retiraram os seis mil escudos da Assistência, mais o que o Instituto do Trabalho pagava de salário ao mestre carpinteiro. Em contas redondas, saldos de Banco, e fundo social dos rapazes que ganhavam, entreguei-lhes cem contos. Entreguei-lhes não; deram ordens aos Bancos para transferir para o fundo da Comissão Liquidatória.

Após uma petição por escrito, propunham dar-me cinquenta contos a título de ordenados. Lembrei-lhes que no primeiro encontro que tivemos ali mesmo, lhes dissera que não trabalhava por dinheiro. Estava apenas a pedir a viagem. Passaram o cheque, mas quando me estenderam a «requisição de fundos» para eu assinar, levantei-me e disse: «O padre que vocês não querem, continua o mesmo e mantém o que disse.»

E nunca mais lá voltei.

Padre José Maria

Será o egoísmo matéria-prima capaz para a construção de uma sociedade justa? Atirar para a caridade ou para uma assistência anquilosada os problemas sociais que uma comunidade pode resolver dentro de si, com os seus recursos... e lavar as mãos — será estratégia adequada?

Demitir-se uma população e as suas autoridades de pensar problemas dos seus membros e de, ao menos, esboçar uma resposta e de ir, até onde puder, na sua execução — levará a uma sociedade onde cada um tem o seu lugar activo, merecidos os direitos pelo exercício dos deveres?

O nosso Povo é bom, mas mais propenso ao coração do que à cabeça. Bem iluminada sua razão, bem temperado o seu sentimento — do que Ele não é capaz!

Basta de tanto mestrico a desorientar. Dê-nos Deus pelicanos que rasguem o seu peito e abram sulco para as águas vivas que hão-de fertilizar e dessedentar este Povo e fazer dele uma Nação justa e pacífica, uma Pátria humilde mas feliz.

Padre Carlos

«Pão dos Pobres»

Cont. da TERCEIRA pág.

Entretanto, já começaram a chegar notícias palpitantes dos nossos Leitores. Aí vai um extracto, de Lisboa:

«Recebi o exemplar do «PÃO DOS POBRES» é fogo ardente, sempre agrada e muito nos ensina.

O desapego aos bens terrenos e o amor aos Pobres são

dons de Deus, para Quem devemos erguer as mãos em humilde prece de reconhecimento. Como disse o Senhor: «Sem Mim nada podeis fazer». É, pois, graça de Deus tudo o que de bem fazemos.»

Há mais notícias! Diremos no próximo número. O «PÃO DOS POBRES» é fogo ardente. Lume que chispa. Incómodo. E violento, sim, para os não ite rales.

Júlio Mendes



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa